



Artigos

Sentimentos existenciais, pertencimento e confiança¹

Existential feelings, belonging, and trust

DOI: 10.12957/ek.2023.78557

Róbson Ramos dos Reis²

Universidade Federal de Santa Maria

robsonramosdosreis@gmail.com

RESUMO

A recente fenomenologia da afetividade tem se dedicado à elucidação de um campo específico de fenômenos afetivos que, a partir da contribuição seminal de Matthew Ratcliffe, é conhecido como o âmbito dos sentimentos existenciais. Sentimentos existenciais são sentimentos corporais que condicionam em geral as experiências intencionais. Tais sentimentos atuam de modo pré-reflexivo e são vivenciados como um senso de pertencimento e realidade. Além disso, os sentimentos existenciais são constituídos como uma classe diversificada de experiência de possibilidades, sendo dotados de uma estrutura horizontal. Situando-se neste contexto teórico, o presente artigo tem dois objetivos: reconstruir resultados básicos da análise fenomenológica dos sentimentos existenciais e explicitar uma linha de desenvolvimento concernente à relação entre senso de pertencimento e experiência de possibilidades. A análise da relação entre senso de pertencimento e estrutura horizontal da experiência evidenciará uma ligação entre pertencimento e confiança, que é entendida como um estilo afetivo e não localizado de antecipação de possibilidades. Um resultado relevante desta análise é a identificação da complexa estruturação modal dos sentimentos existenciais, na medida em que são estruturados por uma confiança básica que é um modo afetivo de estar numa dimensão de possibilidades.

Palavras-chave

Fenomenologia, Ratcliffe, sentimentos existenciais, pertencimento, confiança.

ABSTRACT

The recent phenomenology of affectivity has been dedicated to elucidating a specific field of affective phenomena which, starting from the seminal contribution of Mathew Ratcliffe, is known as the realm of existential feelings. Existential feelings are bodily

¹ Este trabalho recebeu o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – processo n.º 304109/2021-5.

² Possui graduação em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal de Santa Maria.

feelings that condition intentional experiences in general. Such feelings operate in a pre-reflective manner and are experienced as a sense of belonging and reality. Furthermore, existential feelings are constituted as a diversified class of experiences of possibilities, endowed with a horizontal structure. Situated in this theoretical context, the present article has two objectives: to reconstruct basic results of the phenomenological analysis of existential feelings and to elucidate a line of development concerning the relationship between the sense of belonging and the experience of possibilities. The analysis of the relationship between the sense of belonging and the horizontal structure of experience will reveal a connection between belonging and trust, which is understood as an affective and non-localized style of anticipation of possibilities. A relevant result of this analysis is the identification of the complex modal structuring of existential feelings, insofar as they are structured by a basic trust that is an affective way of being in a dimension of possibilities.

Keywords

Phenomenology, Ratcliffe, existential feelings, belonging, trust.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela afetividade na fenomenologia contemporânea não se deve apenas ao reconhecimento da relevância teórica da dimensão afetiva da vida em geral e da vida humana em particular. Deve-se, além disso, ao fato de a afetividade ser considerada como intrinsecamente relacionada aos problemas centrais do programa filosófico da fenomenologia. É sabido que a filosofia fenomenológica se orienta para uma análise das condições formais que estruturam a experiência significativa. Nesse programa de análise estrutural, recentemente ganhou proeminência um desenvolvimento teórico que parte de um fenômeno básico: as experiências vivenciadas em primeira pessoa não são atomizadas, mas acontecem de forma organizada. Isso significa que ações interpessoais dotadas de propósitos, eventos perceptuais e mnésicos e episódios emocionais e sentimentais, por exemplo, ocorrem de maneira articulada. Em geral essa articulação permanece inconspícua, não tendo uma saliência experiencial. O tema das condições pré-reflexivas da experiência foi elaborado na fenomenologia clássica. Na fenomenologia contemporânea, uma parte desse domínio de condições estruturantes foi abordada com o exame de uma classe particular de fenômenos afetivos: os sentimentos existenciais.

Desenvolvida em inúmeros trabalhos de Matthew Ratcliffe (2002, 2005, 2008, 2012, 2013, 2015, 2020), a análise desses fenômenos estruturantes da experiência como um todo apresentou os seguintes resultados: 1) os sentimentos existenciais são instâncias afetivas que correspondem ao senso de já se encontrar em uma situação no mundo; 2)

esse senso não equivale a um único sentimento, mas a uma gama diversificada e dinâmica de sentimentos; 3) os sentimentos existenciais qualificam-se em seu conteúdo vivencial como um senso de realidade e de pertencimento; e 4) o senso de realidade e de pertencimento é constituído formalmente como uma experiência de possibilidades dotada de uma estrutura horizontal.³

Tendo isso em vista, o objetivo do presente artigo é duplo: reconstruir resultados básicos da análise fenomenológica dos sentimentos existenciais e explicitar uma linha de desenvolvimento concernente à relação entre senso de pertencimento e experiência de possibilidades. Com base nos estudos sobre o fenômeno do pertencer, examina-se o vínculo entre o referente externo do pertencimento e a estrutura horizontal da experiência. A análise mais específica ressaltará uma ligação importante entre senso de pertencimento e confiança, entendida como estilo afetivo e não localizado de antecipação de possibilidades. Além de indicar grupos de problemas que se desenham com a análise da relação entre pertencimento e estrutura horizontal da experiência, o artigo apresenta, como conclusão, a complexa estruturação modal dos sentimentos existenciais, na medida em que estão intrinsecamente conectados a uma confiança básica e não localizada.

2 SENTIMENTOS EXISTENCIAIS

O ponto de partida da análise dos sentimentos existenciais elaborada por Matthew Ratcliffe é a atenção para o fato de que experiências intencionais acontecem com alguém que já está posto de alguma maneira em uma situação. Um episódio mnésico, por exemplo, ocorre com alguém que encontra a si mesmo no mundo como um todo (Ratcliffe, 2020), já estando imerso nesse mundo (Ratcliffe, 2005), posto em uma situação dada (Ratcliffe, 2012), dotado um senso geral de relação com o mundo (Ratcliffe, 2005). Em suma, vivências intencionais específicas ocorrem para alguém que experimenta de diferentes maneiras a si, o mundo e a relação com o mundo (Ratcliffe, 2008), ou seja, alguém que dispõe de um senso de residir no mundo e de estar em alguma situação (Ratcliffe, 2015).

Naturalmente, Ratcliffe (2015) reconhece explicitamente que essa experiência de já estar no mundo foi objeto de elaboração conceitual na fenomenologia clássica de

³ Esta análise tem sido objeto de desenvolvimentos, aplicações e exame crítico (Kreuch; 2019; Manzotti, 2012; Saarinen, 2014; 2018; Slaby, 2008; Slaby; Setephan, 2008; Setephan, 2012) que não serão discutidos no presente artigo.

Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty. Nessas elaborações, o senso de encontrar-se no mundo em uma situação dada também foi descrito como dotado de uma função estruturante da experiência intencional em geral. Ocorrendo de diferentes maneiras, o senso de já estar em relação com o mundo opera com uma orientação de pano de fundo, estruturando a experiência como um todo (Ratcliffe, 2005, 2008). Ademais, essa relação sentida apresenta uma qualidade formal, que consiste em uma diferenciação de importância. Os correlatos das variadas experiências intencionais são vivenciados como importando de algum modo, ou seja, situam-se em uma dimensão com um gradiente de relevância. Entretanto, Ratcliffe não fez simplesmente uma aplicação dos resultados da fenomenologia clássica. Ele realizou uma genuína análise fenomenológica da experiência humana de já se encontrar em uma situação relacional com o mundo. Destacam-se, a seguir, quatro resultados centrais dessa análise.

O primeiro diz respeito ao conceito empregado para caracterizar a experiência de já se encontrar em relação ao mundo ser extraído da teoria da afetividade. Trata-se do conceito de sentimento (*feeling*). Do ponto de vista ontológico, portanto, aquela experiência é uma classe de sentimentos, não sendo um fenômeno afetivo adequadamente descrito com o conceito de emoção (*emotion*). Entretanto, o adequado emprego do conceito de sentimento nesse contexto demanda uma recategorização das abordagens usuais em teoria de sentimentos. A razão disso é que a categorização dos sentimentos em sentimentos corporais dirigidos ao corpo (ou partes do corpo) e sentimentos corporais dirigidos a algo específico e diferente do próprio corpo (Goldie, 2002) não é exaustiva. Faz-se necessário admitir a consistência e a instanciação de uma noção de sentimento corporal pré-intencional, ou seja, de sentimentos corporais que estão referidos ao mundo ou a uma situação como um todo.

O segundo resultado, por sua vez, concerne à questão de que, apesar de não entrar no foco das recentes teorias das emoções e dos sentimentos, esse tipo de sentimento já foi tematizado filosoficamente (Ratcliffe, 2020). De fato, há uma importante e diversificada tradição de exame desses sentimentos. Trata-se daquelas abordagens que se dirigiram para a noção de *Stimmung* (Wellbery, 2003; Thonhauser, 2020). Além disso, também nos estudos sobre o fenômeno do sentimento de si (*Selbstgefühl*, Frank, 2002; Slaby, 2012; Rzesnitszek, 2014), há um antecedente relevante de reconhecimento e análise dessa classe especial de sentimento. A história da abordagem filosófica do fenômeno das *Stimmungen*

ou afinações é relevante, porque, além de exibir o componente intrinsecamente metafórico na formação filosófica do conceito de afinação, manifesta o progressivo reconhecimento da função fenomenológica desse tipo de sentimento. O tema é bem conhecido e consiste na transição de uma abordagem estética do conceito de *Stimmung*, passando por explicações psicológicas (em particular no campo da experiência de paisagens) até chegar a explicações não causais e propriamente fenomenológicas das afinações. Neste último estágio, as afinações são vistas como as maneiras afetivas primitivas em que acontece a abertura de mundo como um todo. Evidentemente, a referência incontornável é a interpretação fenomenológica das *Stimmungen* oferecida por Heidegger (1986) no marco da analítica existencial. Estar sempre em afinações não é uma condição psicológica, mas uma estrutura ontológica-existencial, e a abertura de mundo acontece precisamente com as afinações.

Já o terceiro, inspirado por uma denominação proposta por Stephan Strasser (1977), refere-se aos sentimentos corporais de afinação com o mundo serem descritos como dotados de uma função pré-intencional. Isso significa que as afinações condicionam todas as classes de experiências intencionais. Portanto, sustenta-se que experiências intencionais, significativas e normativas acontecem sempre com alguém que já está afinado sentimentalmente em relação ao mundo como um todo. Naturalmente, essa alegação implica um programa de análise das diferentes maneiras pelas quais esse tipo de sentimento corporal condiciona a percepção, a imaginação, a memória, as demais classes de fenômenos afetivos e o pensamento. Ratcliffe (2008) é explícito ao analisar como afinações podem condicionar formas complexas de pensamento conceitual e de teorização, por exemplo, na atividade filosófica.

O quarto e último resultado consiste no encontrar a si mesmo em uma relação com o mundo como um todo ser um sentimento corporal pré-intencional. No entanto, uma das alegações centrais da análise fenomenológica é que a essa experiência fundamental não corresponde *um único* sentimento, mas uma gama amplamente diversificada de instâncias dessa classe de sentimentos (Ratcliffe, 2008). Ademais, Ratcliffe considera que há uma variedade tão diversificada de tais sentimentos cumprindo a função pré-intencional, que excede o grupo de afinações detidamente analisado na fenomenologia clássica, a exemplo do tédio, da angústia e do desespero. Alguns desses sentimentos sequer foram identificados com nomes e conceitos próprios. Além de diversificados, em geral tais

sentimentos executam seu papel intencional de maneira não atenta, ou seja, sem que sejam salientes para quem se encontra na afinação correspondente. A função pré-intencional é otimamente cumprida precisamente quando os sentimentos permanecem em um nível pré-reflexivo de experiência. Entretanto, tais sentimentos são dinâmicos, não apenas porque se transformam e modificam, mas também porque podem se tornar atentos e refletivos. É essa característica de saliência dinâmica que permite a análise fenomenológica dos sentimentos corporais pré-intencionais capazes de sintonizar alguém com dada situação.

Apesar de considerar que não existe um único sentimento existencial que condiciona toda a experiência intencional, Ratcliffe entende que há uma complexa qualidade sentida em tais sentimentos pré-intencionais. Sentimentos existenciais consistem em organizações da experiência, que são vivenciadas como um *senso de pertencimento e de realidade*. Ratcliffe admite explicitamente que determinar uma dimensão estruturante como um tipo afetivo qualificado como sendo um senso de realidade e pertencimento é algo vago, não constituindo propriamente uma descrição. Para sanar essa dificuldade, ele formula a alegação de que o senso de realidade e pertencimento deve ser caracterizado como uma experiência de possibilidades. A execução dessa caracterização é operacionalizada de maneira teoricamente complexa, tomando por base elementos originados da obra de Husserl e Merleau-Ponty, especialmente a partir da análise da estrutura horizontal da experiência. A reconstrução mais detalhada desse tópico será feita a seguir.

3 SENSO DE REALIDADE E PERTENCIMENTO COMO EXPERIÊNCIA DE POSSIBILIDADES

De acordo com Ratcliffe, encontrar a si mesmo em uma situação perfaz uma orientação de base que já sempre é operante em experiências intencionais. Tal orientação é um sentimento com qualidades específicas: um senso de realidade e de pertencimento. Dito de outro modo, acompanha toda experiência significativa um senso de si mesmo como sendo, existindo; um senso de tomar parte em uma situação na qual é experimentada uma diversidade de objetos e eventos, os quais, por sua vez, também são sentidos como existindo. Sentimentos existenciais são sentimentos de realidade e de pertencimento (Ratcliffe, 2005, 2008, 2012, 2015, 2020).

Com essa determinação, torna-se claro que a expressão “sentimentos existenciais” é usada como um termo técnico, designando um tipo de sentimento e uma categoria fenomenológica. A caracterização formal desse tipo afetivo, bem como a sua categorização interna, que se assemelha ao mapeamento de um continente recentemente descoberto (Stephan, 2012), tem resultado em descrições e análises mais específicas. Nesse sentido, um aspecto muito importante na caracterização dos sentimentos existenciais reside na consideração de que o senso de realidade e de pertencimento não admite ser descrito por meio da noção de atitude proposicional.

Uma concepção metateórica lecionada na fenomenologia clássica sustenta que certas noções ou distinções filosóficas podem obscurecer ou ofuscar determinados fenômenos. Segundo Ratcliffe (2008, p. 8), esse é exatamente o caso da atitude teórica de que todos os estados de convicção, convencimento ou mera aceitação são adequadamente descritos como atitudes proposicionais da forma “S acredita que p”. Nessa atitude, os sentimentos existenciais, consistindo em um senso de que o mundo existe e de que se é parte dele, deveriam ser descritos como uma atitude proposicional em relação às proposições “O mundo existe” e “Eu sou parte do mundo”. Sentimentos existenciais seriam, portanto, crenças descritas em termos de atitudes proposicionais.

A análise fenomenológica dos sentimentos existenciais recusa taxativamente essa descrição e a atitude a ela subjacente. Ao contrário, o senso de realidade e pertencimento ao mundo é mais fundamental do que os tipos de estados referidos como crenças e atitudes proposicionais (Ratcliffe, 2008). O senso de pertencimento ao mundo, por exemplo, é relacional: a relação de pertencimento de alguém a um referente externo. Contudo, tal sentimento não consiste na crença de ser um ente específico situado em uma localização espaciotemporal somada à crença de existir em meio a outros objetos (Ratcliffe, 2008). Da mesma forma, o senso de realidade não consiste na experiência perceptual de entes subsistindo aqui e agora nem na efetuação de enunciados não perceptuais sobre estados de coisas sendo ou não sendo o caso (Ratcliffe, 2015). Sentimentos existenciais não constituem atitudes proposicionais; são, ao contrário, um senso de pertencimento e realidade que torna possível aqueles estados que admitem corretamente serem descritos como atitudes proposicionais.

Apesar disso, essa determinação negativa não esconde uma dificuldade teórica importante. A expressão “sentimento existencial” é apresentada como um termo técnico

para designar um nível estrutural básico da experiência humana. Ela captura as maneiras de encontrar a si mesmo no mundo, um sentimento de realidade e pertencimento que condiciona as experiências intencionais. Contudo, Ratcliffe reconhece a vagueza excessiva das expressões “encontrar-se a si mesmo no mundo” (2015, p. 40) e “senso sentido (*felt sense*) de realidade e pertencimento” (2020, p. 251). Mesmo que tais expressões sejam sugestivas, é preciso oferecer uma descrição do que está apenas referido com o conceito de sentimento existencial. Essa descrição pode ser proporcionada com uma abordagem mais específica e refinada, que é, de fato, uma análise fenomenológica complexa e conceitualmente robusta, na medida em que apela para a noção de experiência de possibilidades.

Valendo-se de resultados importantes da fenomenologia clássica (Husserl, Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger), Ratcliffe fornece uma análise específica dos sentimentos existenciais ao enfatizar como a experiência intencional inclui um senso de possibilidades práticas e perceptuais. À experiência significativa humana e aos estados intencionais estão integradas possibilidades. Além disso, experiências localizadas de possibilidades pressupõem um senso de pertencimento ao mundo – mundo, neste caso, é entendido como um espaço de possibilidades, uma receptividade a tipos de possibilidades (Ratcliffe, 2020). Em resumo, sentimentos existenciais consistem em maneiras de encontrar a si mesmo no mundo; são sentimentos de realidade e pertinência que precisam ser concebidos a partir da elucidação da maneira como a experiência e os estados intencionais integram experiências de possibilidades que se situam em um espaço receptivo a possibilidades. Ainda que não trivial, esse é somente um passo inicial, desenvolvido até um nível mais complexo de análise com o apelo à noção fenomenológica de horizonte.

4 A ESTRUTURA HORIZONTAL DA EXPERIÊNCIAS E OS SENTIMENTOS EXISTENCIAIS

Para elucidar a relação entre experiência de possibilidades e senso de realidade e pertencimento, Ratcliffe (2008, 2012) apoia-se na noção de horizonte e na descrição fenomenológica, apresentada por Husserl e Merleau-Ponty, da estrutura horizontal da experiência. Horizontes consistem em sistemas de possibilidades, não apenas visuais e perceptuais, que contêm potencialidades práticas de ações futuras. Além disso, horizontes não são estruturas estáticas, admitindo dinâmicas que se desenrolam de maneiras

organizadas. As possibilidades que integram horizontes, por sua vez, não perfazem apenas um espaço lógico indiferente, mas são instigantes e fomentadoras de atividades. Horizontes, portanto, são relacionados a agentes corporificados, na medida em que as possibilidades práticas estão intrinsecamente associadas a disposições corporais habituais (Ratcliffe, 2008).

Entretanto, o nível de análise relevante para a elucidação dos sentimentos existenciais como sentimentos de realidade e pertencimento deve ser formal, demandando a distinção entre instâncias e tipos de possibilidades. Por exemplo, uma colher é determinada por propriedades relacionadas ao propósito para que serve, o qual, por sua vez, concerne a um projeto prático. Ser leve e dura e apresentar uma extremidade côncava capaz de suportar algo e outra capaz de ser manuseada constituem propriedades que habilitam a possibilidade de alimentar um bebê. Esse propósito, por sua vez, refere-se ao projeto de cuidar de alguém ou de ser mãe, consistindo no nível de instâncias de possibilidades. Essa instância (e outras que estão relacionadas aos usos de uma colher) implica o tipo de possibilidade formalmente determinado como “ser praticamente significativa no contexto de um projeto” (Ratcliffe, 2015, p. 51-52).

Nesse nível formal de análise, introduz-se o conceito de horizonte de horizontes (ou mundo), referido a sistemas dinâmicos que contêm tipos de possibilidades. Nesse sentido, a experiência significativa e intencional incorpora não apenas sistemas com instâncias de possibilidades, mas uma estrutura horizontal formal⁴ e um horizonte universal que perfaz um espaço receptivo a tipos de possibilidades.

Seguindo Husserl e Merleau-Ponty, são apresentadas seis distinções que caracterizam tipos de possibilidades integrantes do horizonte universal: modalidade perceptual, isto é, as possibilidades relativas aos modos perceptuais (visuais, tácteis etc.), incluindo as cinestésicas; graus de determinação de conteúdo (como, por exemplo, “algo vai me atingir” é menos determinado do que “uma bola de futebol vai me atingir agora”); relação com ação, ou seja, uma possibilidade ser atualizada autonomamente pelo agente, ser atualizada por outros ou independe da agência humana; significância, isto é, possibilidades têm diferentes tipos de importância ou relevância prática para projetos ou ações particulares, não sendo simples possibilidades lógicas, mas possibilidades que

⁴ Ratcliffe (2008, p. 133) qualifica esse horizonte de horizontes como *universal*. No entanto, no presente artigo, sugere-se que a relação entre instâncias e tipos de possibilidades é formal e não de generalidade. Esse é um tema que não pode ser desenvolvido no escopo deste trabalho.

importam diferentemente; acessibilidade interpessoal, indicando que as possibilidades e suas atualizações estão relacionadas de diferentes maneiras a si e a outros (podem atualizar-se apenas para alguém, para outros e não para si mesmo, ou para ambos); e modos de antecipação, ou seja, a atualização da possibilidade é experimentada como certa ou com graus variáveis de dúvida ou incerteza problemática. Naturalmente, essas variáveis são combináveis, multiplicando os tipos de possibilidades situadas no horizonte universal (Ratcliffe, 2015). Além disso, elas são interdependentes em termos causais e de inteligibilidade, o que contribui para a mobilidade dinâmica intrínseca à estrutura horizontal da experiência (Ratcliffe, 2008).

Com base nesse marco fenomenológico robusto, os sentimentos existenciais são descritos como constituintes do horizonte universal (Ratcliffe, 2008). Eles são maneiras de afinação com o espaço dinâmico de tipos de possibilidade que condicionam formalmente os horizontes específicos dotados de instâncias dos tipos de possibilidades, os quais, por sua vez, são determinantes das experiências intencionais dirigidas a objetos e efetividades. Sentimentos existenciais são consonantes com tipos de possibilidades que estão abertas para alguém. Uma importante determinação adicional na caracterização dos sentimentos existenciais a partir da estrutura horizontal da experiência resulta da consideração de um tipo particular de possibilidade localizado no horizonte universal. As possibilidades são antecipáveis de diferentes maneiras, isto é, as suas atualizações podem ser antecipadas como certas, dúbias ou problemáticas. Tais antecipações não são simples apreensões conceituais de propriedades epistêmicas das possibilidades, mas perfazem estilos. Há estilos de antecipação de efetivações ou preenchimento atual de possibilidades, os quais são suscetíveis de alterações (Ratcliffe, 2020). Tais estilos são pervasivos no envolvimento com o horizonte universal, sendo responsáveis pela abertura ou pelo fechamento de tipos de possibilidades. Esses estilos são propriamente os sentimentos existenciais (Ratcliffe, 2015).

Por possuírem coesão, tais estilos são determinados como sentimentos diferenciados e específicos (Ratcliffe, 2020). Além disso, a labilidade no espaço de possibilidades corresponde à dinâmica nos estilos de antecipação e, logo, nos sentimentos existenciais. As mudanças no estilo de antecipação de possibilidades correspondem a mudanças nos tipos de possibilidade a que alguém é receptivo. O espaço de possibilidade é suscetível a mudanças que podem constituir transformações robustas, a exemplo de

perdas de tipos de possibilidades. As transformações no horizonte universal, como sustenta Ratcliffe, não se restringem a perdas ou adições pontuais de tipos, mas, devido à interdependência intrínseca dos tipos modais, podem configurar intensificações ou diminuições globais. À dinâmica dos sentimentos existenciais correspondem, portanto, uma mobilidade e até mesmo uma vulnerabilidade do espaço de possibilidades (Ratcliffe, 2015, 2020).

Diante disso, importa examinar de que maneira o marco teórico da estrutura horizontal da experiência contribui para descrever os sentimentos existenciais como um senso de realidade e de pertencimento. De que modo o horizonte universal de tipos de possibilidades e seus respectivos estilos de antecipação estão presentes no senso de realidade e de pertencimento? É esse questionamento que a seção a seguir busca responder.

5 ESTRUTURA HORIZONTAL NO SENSO DE REALIDADE

Sentimentos existenciais são sentimentos de realidade, um senso diferenciado de que o mundo existe, está sendo e é real. Reconhecendo que “existência”, “realidade” e “ser” não são sinônimos, ainda que sejam usados de modo similar em expressões como “o mundo se parece como irreal e sem ser” ou “o mundo existe e é intensamente real”, Ratcliffe oferece uma elucidação do que deve ser entendido por senso de realidade. Inicialmente, mostra-se fundamental reiterar que esse senso não admite ser descrito nos termos de uma atitude proposicional com a forma de uma crença em que o mundo como um todo é o caso. Isso ocorre porque “mundo” não designa a totalidade de objetos, eventos ou estados de coisas que são o caso e porque tal senso de realidade não é uma crença proposicional, por mais que possa ser apresentado reflexivamente por recurso a sentenças proposicionais. Essa é uma delimitação importante, pois evita que se conceba o senso de realidade como o sentimento de que certos conceitos são instanciáveis. Além disso, o senso de realidade não é um resultado inferencial de experiências específicas de que algo existe, mas integra o pressuposto de toda e qualquer experiência particular (Ratcliffe, 2008, 2015).

Mesmo sendo básica, essa condição originária não é simplesmente capturada em uma asserção primitiva e não analisável, que apenas deveria então ser reconhecida como tal. É factível uma determinação maior do senso de realidade. Um aspecto importante

reside no fato de esse sentimento de realidade não ser único ou singular, mas admitir variantes. Ele é passível de ser flutuante ou mais constantemente sustentado, podendo ser integralmente pervasivo ao longo da vida de alguém (Ratcliffe, 2008). Ademais, as suas variações não se reduzem à presença ou ausência, mas incluem intensificações e diminuições.

A consideração dos casos em que se tem um senso de irrealidade do mundo fornece a indicação para compreender positivamente as qualidades do sentimento de realidade. Nesse sentido, não se trata de um sentimento para com o mundo, entendido como uma totalidade de coisas, em que este é vivenciado como falso ou pura e simplesmente ausente. Ao contrário, o sentimento de irrealidade do mundo captura a vivência de uma ausência de significação prática, a vivência da desconexão em relação às ações dotadas de propósitos. A irrealidade do mundo significa a presença de pessoas e objetos desvinculados de sua habitual utilidade, disponibilidade, significatividade e familiaridade. É a diminuição da significação prática e do pertencimento a um contexto familiar em que habitualmente se desenrolam ações e interações. Por conseguinte, o senso de realidade concerne a um entendimento do mundo como nexo de relações práticas e de ações dotadas de propósitos relativos a projetos em um tecido dinâmico e socialmente compartilhado. Ele é a vivência afetiva de uma conexão e morada em um todo articulado, disponível, tangível e familiar (Ratcliffe, 2008).

A descrição do senso de realidade é ampliada com a determinação de que tal senso consiste na posse da diferença entre algo estar aqui e agora e não estar aqui e agora. Ademais, o senso de realidade também pode ser determinado como um senso da diferença entre ser o caso e não ser o caso. Mesmo nas situações em que ocorre a experiência da perda da conexão com a significação prática dos entes, em vivências como a da náusea (na acepção descrita por Sartre), ainda permanece a apreensão de mera existência dos entes desvestidos de sua conexão com projetos humanos (Ratcliffe, 2015). O senso de realidade presente nessa experiência, que também está implicado nas experiências de coisas dotadas de significação prática, consiste na compreensão de duas diferenças: a) estar aqui e agora/não estar aqui e agora; e b) ser/não ser o caso. Esse é um senso muito básico, sem o qual entraria em colapso a diferença entre as modalidades intencionais. Sem a distinção entre estar e não estar aqui e agora, a diferença entre, por exemplo, perceber e lembrar não seria possível. Da mesma maneira, a diferença entre crer e imaginar também

não seria possível sem um senso da diferença entre ser o caso e não ser o caso (Ratcliffe, 2015).

A partir dessa descrição do senso de realidade, habilita-se o passo seguinte na análise fenomenológica dos sentimentos existenciais, que consiste em identificar a experiência de possibilidades presente no senso de realidade. Trata-se de elucidar a estrutura horizontal do senso de realidade. Partindo da caracterização do senso de realidade como um sentimento de familiaridade em um nexos prático e social de ações dotadas de propósito, o horizonte universal, diferentemente de horizontes particulares dotados de possibilidades específicas, deve estar dotado de alguns tipos de possibilidades. A possibilidade formal de “ser relevante para projetos” deve estar presente, caso algum artefato seja percebido como real em um contexto de ocupações práticas. Do mesmo modo, deve ser possível diferenciar modalidades intencionais (perceber, lembrar, imaginar, crer, querer e emocionar). Estar situado em um nexos prático em que não se distingue perceber de lembrar apareceria como uma modificação robusta no senso de realidade. Além disso, a interpessoalidade das possibilidades aparenta ser um requisito para o senso de realidade em um contexto familiar. O mesmo ocorre em relação à agentividade das possibilidades. Um contexto em que nenhuma efetivação de possibilidades é sentida como agencialmente própria deve aparecer como significativamente irreal para alguém que dispõe, em seu horizonte universal, de um tipo de possibilidade qualificado em termos de agentividade.

Parece óbvio, por fim, que possibilidades categorizadas em maneiras de antecipação de suas atualizações é um requisito para a familiaridade que está implicada no senso de realidade. Agir em um nexos prático no qual todas as atualizações são vividas como inéditas, em um mundo sem habitualidade, contrasta fortemente com um senso de real em que está presente a diferença entre atualizações habituais e atualizações surpreendentes. O senso de realidade em um contexto familiar, mas também em contextos extraordinários, situa-se em um horizonte em que as possibilidades são qualificáveis em termos de maneiras de antecipação de suas atualizações. Esse aspecto, contudo, representa maiores implicações ao aprofundamento da análise, que são consideradas por Ratcliffe e que retomadas adiante neste artigo.

A reconstrução apresentada é esquemática, tendo somente o propósito de indicar as direções em que a análise fenomenológica dos sentimentos existenciais, na medida em

que são um senso variável de realidade, deve avançar para uma elucidação da estrutura horizontal. Há um elemento adicional na análise feita por Ratcliffe, que se refere ao senso de pertencimento. Sentimentos existenciais são concebidos não apenas como um senso de realidade, mas também como um sentimento de pertencimento (Ratcliffe, 2008, 2020). O exame mais detalhado desse tópico revelará uma complexidade no fenômeno do pertencimento, o que, por sua vez, eleva substancialmente a complexidade da elucidação da estrutura horizontal dos sentimentos existenciais.

6 PERTENCIMENTO

Sentimentos existenciais são sentimentos de realidade e de pertencimento. Isso significa que as experiências específicas de possibilidades dependem de um senso de realidade e de pertencimento ao mundo. Ratcliffe (2008) reconhece explicitamente que a fenomenologia clássica qualificou esse pertencimento em termos de uma familiaridade ou de um habitar prático. Qual é a estrutura modal do senso de pertencimento? De que modo o sentimento de pertencimento possui uma estrutura horizontal? Responder a essas perguntas consiste em analisar a experiência de possibilidades presente no senso de pertencimento. Entretanto, quando se consideram os estudos sobre pertencimento, o tema revela-se como dotado de uma complexidade que estabelece um grupo diversificado de investigações fenomenológicas. Investigar a estrutura horizontal do senso de pertencimento representa, de fato, um complexo programa de pesquisa em fenomenologia modal.

Revisões da literatura evidenciaram que as pesquisas sobre o pertencimento recobrem uma diversidade significativa de disciplinas relacionadas à educação, à economia, à psicologia, à saúde mental, à saúde pública, ao *design*, à identidade cultural e étnica, à religião, às interpessoalidades etc. Não apenas a literatura é vasta, como também não há um consenso manifesto sobre o significado de “senso de pertencimento” (Maha *et al.*, 2013, p. 1027). Recentemente, constatou-se o uso inconsistente de terminologias, definições e instrumentos de medida, resultando, inclusive, em uma perspectiva fraturada nas diversas disciplinas que se ocupam com o fenômeno do pertencimento (ALLEN *et al.*, 2021). Essa constatação se torna mais significativa quando se considera o passo seminal na investigação sobre pertencimento, que foi dado com a formulação da hipótese do pertencimento (Baumeister; Leary, 1995).

Diante disso, a partir de uma revisão narrativa (Mahar *et al.*, 2013), foi proposta uma definição nominal de pertencimento. Tendo em vista uma compreensão transdisciplinar e multidimensional, o senso de pertencimento refere-se a um sentimento subjetivo de valor e respeito, derivado de uma relação recíproca com um referente externo, que é construída com base em experiências, crenças ou características pessoais compartilhadas (Mahar *et al.*, 2013). Cinco elementos estão presentes nessa definição: subjetividade – percepção singular com um centro em sentimentos de valor, respeito e ajuste; firmeza – apoio em um referente externo que ancora o sentimento subjetivo; reciprocidade – senso de conectividade compartilhado pelo indivíduo e pelo referente externo, baseado em experiências, sentimentos e traços partilhados; dinamismo – fatores do ambiente físico e social interferindo no senso de pertencimento, promovendo um jogo entre fomentadores e barreiras ao acesso, à interação e à extensão da concordância com o referente externo; e autodeterminação – a presença de desejos de interagir com o referente externo e a percepção das próprias capacidades nessa interação. É pertinente ressaltar que a revisão da literatura transdisciplinar que oferece definições de pertencimento evidenciou uma significativa prevalência do elemento de apoio ou firmeza em um referente externo.

Recentemente, foi proposto um modelo integrador para ampliar o entendimento do pertencimento e, com isso, sustentar a investigação e o estudo sobre o pertencer. Essa proposição também almeja contribuir para as ações e intervenções orientadas para a promoção do pertencimento e da resiliência de indivíduos e comunidades, assumindo a hipótese de que o pertencimento diz respeito a uma necessidade humana fundamental (Allen *et al.*, 2021). Nessa ótica, o pertencimento é entendido como um sentimento dinâmico que emerge de quatro componentes interrelacionados, os quais, por sua vez, estão sustentados por experiências e sistemas culturais, sociais, ambientais e temporais. Esses elementos são: competências de pertencimento; oportunidades para pertencer; motivações ou impulsos internos para pertencer; e percepções ou cognição de pertencimento. Em se tratando de uma integração dinâmica, tais elementos se reforçam mutuamente no tempo, à medida que uma pessoa se move em seu contexto social, ambiental, experiencial e histórico (Allen *et al.*, 2021).

Cabe ressaltar que as duas formulações são baseadas em revisões da literatura. Enquanto a definição nominal apresenta os individuadores ou as notas características do

senso de pertencimento, o marco integrador pretende ser um constructo que reúne os elementos responsáveis pela emergência do senso de pertencimento, ou seja, é um marco conceitual que exhibe relações de dependência.

Destaca-se, ainda, que a formulação desse constructo não considerou a definição nominal proposta por Mahar *et al.* (2013). Não obstante, a identificação de fatores condicionantes precisa ser consistente com todos os individuadores capturados na definição nominal do senso de pertencimento. Uma rápida consideração desses individuadores sugere fortemente a consistência. A base em um referente externo, por exemplo, é dependente de oportunidades e da presença de tais referentes nos sistemas ambientais de alguém. A reciprocidade, por sua vez, aparenta depender de competências, oportunidades e percepções. Já o dinamismo é claramente dependente da imersão em sistemas ambientais dos fatores responsáveis pela emergência do senso de pertencimento. Da mesma forma, a autodeterminação é condicionada por competências, oportunidades e percepções de pertencimento.

A análise detalhada da dependência de cada um dos individuadores do senso de pertencimento em relação aos fatores de emergência excede o escopo do presente trabalho. Nota-se, contudo, que, na definição nominal e no marco integrador, o senso de pertencimento é concebido como uma experiência subjetiva e, mais exatamente, como um sentimento. Portanto, o senso de pertencimento não somente é objeto de análise conceitual e de investigações empíricas, como também admite um exame especificamente fenomenológico. Além disso, é plausível considerar que a definição nominal e o constructo operativo forneçam uma base conceitual adequada para a análise fenomenológica do pertencimento.

7 FENOMENOLOGIA DO SENSO DE PERTENCIMENTO

O senso de pertencimento tem sido elucidado como uma experiência subjetiva, como um sentimento. Um passo inicial na abordagem fenomenológica do sentimento de pertencimento consiste em determinar com mais especificidade as qualidades vividas de tal sentimento. Em se tratando de um sentimento próprio a uma relação – a relação de *ser parte de ...* e *de pertencer a...* –, a análise intencional discrimina inicialmente as propriedades do referente do pertencimento e as qualidades vividas do sentimento. A premissa aqui operante é de que o conteúdo vivencial do sentimento se associa às

propriedades do referente. Além disso, o pertencimento em questão não consiste apenas na relação entre um elemento e um domínio, mas integra o senso de si mesmo daquele que pertence a determinado referente. Ter um senso de pertencimento também é ter um senso de si mesmo. Evidentemente, neste ponto, chega-se à encruzilhada das teorias do *self*. A via fenomenológica nas teorias do *self* precisaria ser trilhada aqui, o que excede em grande medida o objetivo deste artigo.⁵

No entanto, é preciso recordar que a análise propriamente fenomenológica não se limita a uma descrição do sentimento de pertencer, mas dirige-se para relações de dependência em relação a estruturas formais. Considerando a variabilidade e dinamicidade dos referentes externos do pertencimento, é plausível a conjectura de que resultados gerais da análise estrutural sejam limitados. Apesar dessa condição, a estrutura temporal do senso de pertencimento apresenta-se como candidata mais ecumênica, não apenas em função da plausível natureza processual do próprio pertencimento, mas também em função da natureza intencional da relação de pertencer. Nesse caso, a interpretação temporal do sentimento de pertencer como sendo também um senso de si mesmo demanda uma noção não serial de tempo, como aquelas elaboradas na fenomenologia clássica de Husserl e Heidegger, por exemplo.

Além de uma análise estrutural em termos de temporalidade, uma elucidação modal precisa ser integrada à fenomenologia do pertencimento. Nesse sentido, duas direções devem ser distinguidas. Como foi visto, a definição nominal e o marco integrador identificam no senso de pertencimento um sentimento, um referente, a reciprocidade, a dinamicidade, as oportunidades, as motivações, as competências, a percepção e a inserção em sistemas ambientais. Inicialmente, trata-se de examinar se e de que maneira a experiência de possibilidades está especificamente implicada em cada um dos elementos do pertencimento.

A esse programa de uma fenomenologia modal do pertencimento soma-se uma segunda direção de análise. Trata-se da análise da estrutura horizontal das eventuais experiências de possibilidades presentes nos elementos do pertencimento. A pergunta geral indaga sobre como deve estar formado o horizonte universal para que aconteçam as experiências específicas de possibilidades implicadas no pertencimento. Tal questão se divide em outros três questionamentos: como deve ser o horizonte para que aconteça o

⁵ Bortolan e teorias do *self*.

sentimento de pertencimento? Como deve ser o horizonte para cada elemento que integra o pertencimento? Como deve ser o horizonte nas relações de dependência do pertencimento em relação aos sistemas ambientais? Um exemplo permite detalhar um pouco mais essas linhas de análise fenomenológico-estrutural.

De acordo com a definição nominal, pertencer sempre implica a sustentação em um referente externo, que pode ser uma escola, uma associação, um lugar, uma história etc. Como deve ser a dimensão modal para que ocorra a conexão com um referente externo? Parece claro que no horizonte devem estar presentes as possibilidades implicadas na constituição do referente. Contudo, isso exige uma análise prévia sobre a relação entre as determinações do referente e a dimensão modal, ou seja, sobre como a determinação por propriedades é condicionada por possibilidades. Ademais, a conexão com o referente exige um horizonte em que estejam presentes as possibilidades relativas às capacidades demandadas na constituição do referente. Possibilidades de agentividade (Maier, 2013) devem integrar o horizonte próprio à relação de pertencimento a um referente externo, sendo adicionado ao horizonte uma qualificação dos tipos de possibilidades em termos do modo de antecipação dos possíveis. Pertencer exige que as possibilidades implicadas na constituição do referente possam ser antecipadas de maneira habitual em sua atualização, ou seja, exige a confiabilidade na atualização dos possíveis. Esse aspecto é central e será abordado a seguir. No horizonte do referente do pertencimento, deve estar presente uma qualificação adicional, que consiste em as possibilidades fomentadas pelo referente serem suscetíveis de atualizações para alguém. Mais exatamente, tais possibilidades precisam ser relativas a alguém que é capaz de realizar ou experimentar suas atualizações. Cabe mencionar que não se trata da exigência modal relativa às competências de pertencimento, mas de uma qualidade das possibilidades intrínsecas à constituição do referente. Um referente cujas possibilidades não fossem capazes de nenhuma atualização não seria propriamente a base de sustentação do pertencimento de alguém. Parece igualmente claro que o compartilhamento interpessoal das possibilidades também é uma condição que deve estar satisfeita no horizonte próprio ao referente do pertencimento.

Da mesma forma que em relação ao referente do pertencimento, a análise da estrutura horizontal precisaria ser realizada para os demais componentes do senso de pertencimento. A motivação para pertencer, por exemplo, sugere que as possibilidades do

horizonte sejam instigantes e que fomentem em alguém um senso de si como capaz de vincular-se agentivamente a elas. De modo análogo, competências e reciprocidade, por exemplo, demandam possibilidades agenciais e compartilháveis no horizonte. A unidade dessas investigações é dada pelo propósito analítico de examinar como deve estar constituído o horizonte que está implicado em cada um dos elementos do senso de pertencimento. Tal propósito corresponde ao nível estrutural básico de elucidação da experiência de possibilidades implicada no senso de pertencimento. Todavia, a tematização da estrutura modal dos sentimentos existenciais, entendidos como um senso de pertencimento, forma uma direção diferente e mais determinada de análise fenomenológica. Essa distinção é patente quando se considera que os sentimentos existenciais são diferentes maneiras do senso de pertencimento ao mundo; trata-se, assim, de um pertencimento cujo referente não é específico, mas concerne ao horizonte ou à dimensão modal. O exame desse tópico exige, no entanto, um esclarecimento formal.

8 PERTENCIMENTOS E PERTENCIMENTO AO MUNDO

Como discutido anteriormente, Ratcliffe oferece uma análise dos sentimentos existenciais, entendidos como um senso de realidade e um senso de pertencimento, com base nas noções fenomenológicas de experiência de possibilidades e estrutura horizontal da experiência. O pertencimento nos sentimentos existenciais tem como referente o mundo ou o horizonte universal dos horizontes. Antes de avançar na análise do senso de pertencer ao mundo, é relevante considerar um problema formal: qual é a diferença entre pertencer a referentes específicos e pertencer ao mundo? Pode-se considerar, inicialmente, que essa diferença é de generalidade. Nesse caso, o pertencimento seria diferenciável de acordo com uma série de generalidades, na qual os referentes do pertencimento estariam ordenados por relações de subordinação. Por exemplo, pertencer a uma associação de docentes seria uma especificação do pertencimento a uma instituição de ensino. Embora pertencer a uma região geográfica seja diferente de pertencer a uma instituição de ensino, é concebível um referente mais geral que subordine os referentes geográfico e institucional. Mundo, horizonte ou dimensão modal universal seria o elemento mais geral em uma série de subordinação de referentes de pertencimento. Logo, o mundo seria um referente entre outros referentes de pertencimento, sendo dotado da máxima generalidade.

A dificuldade que se apresenta consiste em determinar o tipo de generalidade que é próprio da relação entre os tipos de referentes de pertencimento. Pode ser que tal generalidade seja do tipo categorial, na qual há uma primazia ontológica e epistemológica das espécies em relação ao gênero.⁶ Também é concebível que a relação entre pertencimento ao mundo e pertencimento a referentes específicos não seja de generalidade, mas de formalidade.⁷ Nesse caso, o mundo não é um referente genérico superior em uma série de subordinação, obtido por operações de abstração em relação a referentes específicos de pertencimento. A formalização opera com um movimento reflexivo, dirigido não para os referentes específicos do pertencimento, mas para o pertencer enquanto tal.

A solução desse problema não é simples e demanda uma justificação extensa. Contudo, para dar sequência à elucidação dos sentimentos existenciais como senso de pertencimento ao mundo, será assumida a premissa de que o pertencimento ao mundo acontece sempre de maneira desformalizada, ou seja, sempre em casos específicos de pertencimento. Tal premissa é neutra em relação ao problema da possibilidade de haver um simples pertencimento ao mundo, sem nenhum pertencimento a algum referente específico. De um lado, essa é uma questão empírica; de outro, depende da resposta ao problema do tipo de generalidade que vigora entre os referentes do pertencimento. Caso ela seja do tipo categorial, então não seria possível um pertencer ao mundo sem um pertencimento específico. No entanto, é pensável uma situação extrema em que alguém deixe de ter qualquer pertencimento específico, mas ainda pertença ao horizonte de possibilidades.⁸ Não deve ser desconsiderado, todavia, o fato de que o problema da generalidade ou formalidade do pertencimento ao mundo não se esgota na consideração da constituição dos referentes, mas abrange também a experiência, ou seja, o senso de pertencimento. Não é evidente, por exemplo, que a maior generalidade de um referente implique maior abrangência do senso de pertencimento. Contudo, o arranjo entre sentimentos de pertencimento não precisa ser regulado apenas por relações de

⁶ Sobre os tipos de generalidade, ver Ford (2011) e Martin (2015).

⁷ A distinção entre generalização e formalização é bem conhecida na obra de Husserl. Ver também Heidegger (1995). Em “Ser e Tempo”, Heidegger (1986) diferenciou as noções de mundo e mundanidade, qualificando esta última como um *a priori*, suscetível de modificações em mundos particulares e dotada de tipos e possibilidades de mundanização.

⁸ Esse é um cenário que se aproxima daquele que resulta do conceito ontológico de morte formulado em “Ser e Tempo” como a possibilidade da impossibilidade.

subordinação e generalidade. Naturalmente, o tema está implicado na questão sobre a determinação conceitual dos sentimentos existenciais, que tem sido debatida na literatura (Ratcliffe, 2020; Slaby; Stephan, 2008).

Os problemas elencados precisam ser abordados detalhadamente na fenomenologia do pertencimento ao mundo. Ainda que isso não seja sequer ensaiado aqui, o simples reconhecimento da diferença entre pertencer a referentes específicos e pertencer ao mundo é importante, porque identifica o nível mais formal da elucidação fenomenológica do senso de pertencimento. Trata-se do pertencimento ao horizonte que integra tipos de possibilidades, isto é, do pertencimento à dimensão modal pura e simplesmente. Por outro lado, a aceitação de que o pertencimento ao mundo é sempre desformalizado fornece uma relevante orientação de análise desse pertencimento. Os elementos da definição nominal e do marco integrador do pertencimento, obtidos na investigação sobre formas específicas de pertencimento, oferecem uma base operacional para identificar e elucidar a estrutura modal do pertencimento ao mundo.

Com isso, estão dadas as direções para uma elucidação mais detalhada do pertencimento ao mundo. O senso de pertencer, como foi visto, integra alguns elementos: subjetividade, base em um referente externo, reciprocidade, dinamicidade, oportunidades, competências, motivações, percepção e inserção em sistemas ambientais. Considerando esses elementos, definem-se linhas de problemas na fenomenologia estrutural do pertencimento ao mundo. O referente que sustenta o pertencimento ao mundo, por sua vez, é o horizonte ou a dimensão modal enquanto tal. Pertencer ao mundo é pertencer ao horizonte estruturado do possível, uma dimensão que acolhe de maneira regrada tipos de possibilidades. Há um sentimento próprio ao pertencer à dimensão de possibilidades, um sentimento do possível? Não apenas o sentimento reflexivo – sinto que posso –, mas também um sentimento de pertencer à dimensão do possível como tal? A reciprocidade do pertencimento ao mundo, por seu turno, refere-se ao compartilhamento do horizonte: alguém pertence ao mundo na medida em que outros também pertencem ao horizonte modal. A dinamicidade diz respeito à história de formação do pertencimento ao mundo, em que permissões e barreiras atuam na própria vinculação ao horizonte. Já as oportunidades e as motivações para pertencer à dimensão do possível correspondem às circunstâncias que permitem discriminar o possível como possível, além da capacidade para mobilizar-se pelo traço instigante das possibilidades do horizonte. Por fim, as

competências para pertencer ao mundo referem-se à habilidade para pertencer ao âmbito do possível, algo como um “eu posso” que precisa acompanhar toda vinculação ao horizonte modal.

A simples enumeração dos elementos do pertencimento vinculados ao pertencimento ao mundo não consiste, evidentemente, em uma descrição e muito menos em uma elucidação. Fazer essa elucidação demanda uma complexa investigação desdobrada em linhas de problemas que perfazem o esboço de uma fenomenologia da estrutura modal dos sentimentos existenciais, a fenomenologia modal do pertencimento ao mundo. Para detalhar mais esse esboço, considera-se a seguir um dos elementos do pertencimento ao mundo, tomando como guia de orientação um dos individuadores situados na definição nominal de pertencimento – a sustentação em um referente externo.

9 PERTENCIMENTO AO MUNDO, CERTEZA HABITUAL E ESTILO DA CONFIANÇA

O pertencimento ao mundo possui como referente o horizonte universal ou o horizonte dos horizontes. Tomando como base a análise da estrutura horizontal da experiência feita por Husserl e, sob certos aspectos, por Merleau-Ponty, Ratcliffe (2008, 2015) analisa o horizonte como um espaço formado por tipos de possibilidades. Os tipos modais são categorizados segundo diferentes aspectos. As possibilidades não são apenas modificações em um espaço lógico, mas também fomentadoras de atuações para alguém. São possibilidades práticas, relacionadas com propósitos e projetos. Entre elas, estão as possibilidades cinestésicas requeridas para a percepção e, inclusive, aquelas demandantes da inação. Além disso, são possibilidades que importam em diferentes graus, atuam como mobilizadoras e removem a indiferença na responsividade. As possibilidades no horizonte também se categorizam em função de sua intrínseca interpessoalidade: possibilidades exclusivamente pessoais ou interpessoais; possibilidades cuja efetivação acontece para alguém e para outros, somente para outros, para alguns ou para todos; e possibilidades cuja efetivação pode ser o resultado da agentividade própria, de outros ou de ninguém. Além disso, possibilidades tipificam-se segundo a determinação do conteúdo de sua efetivação: a antecipação da efetivação do possível pode ser bem determinada ou vagamente determinada.

O senso de pertencimento ao mundo está determinado, ao menos em parte substantiva, pelas determinações categoriais dos tipos de possibilidades integradas no

horizonte. Não é excessivo ressaltar que, sendo o horizonte uma dimensão dinâmica, o pertencimento ao mundo também está exposto a dinâmicas variáveis. Uma categorização das possibilidades se apresenta como especialmente importante para aprofundar a fenomenologia do senso de pertencimento ao mundo. As possibilidades são suscetíveis de efetivação, de forma que a efetivação dos possíveis é antecipável por alguém que pertence ao horizonte. Aos modos de efetivação correspondem, portanto, modos de antecipação. Seguindo Husserl, três modos de antecipação da efetivação de possibilidades são diferenciados por Ratcliffe (2008, 2014, 2015): a efetivação do possível varia da certeza habitual à incerteza aberta e à incerteza problemática, atravessando também um gradiente de graus de dúvida.

Os modos de antecipação da efetivação das possibilidades, por sua vez, não são concebidos por Ratcliffe como operações cognitivas de ordem elevada, mas são analisados com base na noção de estilo. A antecipação da efetivação dos possíveis não consiste, portanto, em entreter conceitualmente um espaço lógico, prevendo conceitualmente uma efetivação de uma possibilidade do horizonte. Um estilo de antecipação não pode ser completamente caracterizado em termos de atitudes proposicionais. Ainda que a experiência relacionada a um estilo de antecipação admita ser descrita *a posteriori* em termos proposicionais, isso não implica que o próprio estilo de antecipação de efetivação de possibilidades seja uma atitude proposicional. Positivamente, trata-se de um estilo afetivo de antecipação de eventos, isto é, de efetivações de possibilidades que importam de diferentes maneiras para alguém. A antecipação de efetivações acontece de modo esperançoso, confiante, temeroso, excitado, curioso etc. O estilo global de antecipação é afetivo e não proposicional (Ratcliffe, 2017, 2020, 2022, 2023; Ratcliffe; Ruddell; Smith, 2014).

É certo que esse resultado fenomenológico demanda uma análise mais detalhada, o que tem sido feito em trabalhos mais recentes de Ratcliffe (2017, 2022). No entanto, ele é significativo para a elucidação do senso de pertencimento ao mundo. Se o referente desse pertencimento é o horizonte universal ou a dimensão de possibilidades, se essas possibilidades se categorizam segundo modos de sua efetivação, se a esses modos correspondem maneiras de antecipação da efetivação e se as maneiras de antecipação são estilos afetivos não proposicionais, então o pertencimento ao mundo integra em si um estilo afetivo global de antecipação de efetivações dos possíveis. Pertencer ao mundo é

possuir um estilo afetivo de antecipação de possíveis. Considerando a dinamicidade do horizonte, o estilo afetivo de antecipação é vulnerável a modificações, que podem ser robustas, estando presentes, por exemplo, em transtornos mentais severos (Ratcliffe, 2014, 2015, 2017). Além disso, os estilos de antecipação são variáveis em função da determinação modal dos referentes específicos do pertencimento. Genericamente, porém, o senso de pertencimento ao mundo acontece como um estilo afetivo de antecipação de atualização de possíveis que importam de diferentes maneiras.

Na fenomenologia clássica, a experiência de pertencer ao mundo foi concebida por meio da metáfora do morar. Nessa metáfora, está presente a referência a um tipo de estilo afetivo de antecipação de efetivação de possibilidades. Trata-se da familiaridade e da habitualidade. Pertencer a um referente requer a formação de algum tipo de familiaridade, isto é, demanda um estilo habitual de antecipação de eventos. Na análise formal dos modos de antecipação da efetivação de possíveis, Ratcliffe concede um acento especial à maneira, já elucidada por Husserl, que corresponde ao modo habitual de antecipação certa de possíveis. A certeza habitual, que pode ser objeto de perturbações, corresponde ao estilo afetivo e não proposicional da *confiança*. A certeza habitual de que determinadas possibilidades se efetivarão não consiste em uma atitude proposicional ou crença, mas em um estilo afetivo: a confiança. Esse é um resultado importante, que reconhece a confiança habitual como integrante do senso de pertencimento ao mundo. Portanto, a fenomenologia modal do senso de pertencimento ao mundo precisa dar um passo adicional e considerar o fenômeno da confiança.

10 PERTENCIMENTO AO MUNDO E CONFIANÇA MONÁDICA

Considera-se que o impacto do trabalho de Annette Baier (1986) gerou a agenda contemporânea de discussões que promoveram uma grande especialização e variedade de análises filosóficas da confiança (Jones, 2004, p. 3).⁹ Essa especialização é ilustrada com a consideração de três domínios em que se origina o interesse no tema da confiança: cooperação, conhecimento (especialmente o testemunhal) e relações interpessoais, por exemplo, na filosofia social, prática e da religião (Faulkner; Simpson, 2017). Naturalmente, um problema básico reside na identificação e compreensão da natureza da

⁹ A abordagem precursora da confiança, feita pelo filósofo dinamarquês Knud Løgstrup, não era amplamente conhecida até pouco tempo atrás (Stern, 2017, p. 274-275).

confiança. Além disso, a elucidação dos critérios da adequação da atitude de confiar integra o tema da normatividade da confiança (Ratcliffe, 2023). Tendo em vista a elucidação modal dos sentimentos existenciais como sentimentos de pertinência, são destacados a seguir três resultados gerais da análise fenomenológica da confiança apresentada por Ratcliffe e colaboradores.

Partindo da análise relacional da confiança, que distingue a confiança como relação triádica (*A confia em B para fazer x*) da confiança diádica (*A confia em B*, sem referência a alguma situação ou a ação específica), Ratcliffe (2023) e Ratcliffe, Ruddell e Smith (2014) destacam o reconhecimento na literatura da existência de uma forma não relacional de confiança: a confiança monádica (*one-place trust*). Essa forma de confiança não é uma relação, não tem uma localização específica e não é intencional. Trata-se de uma condição, descrita simplesmente como “ter confiança”: *A tem confiança!* A confiança monádica não consiste apenas em uma disposição para adotar certas atitudes ou ter experiências, mas possui qualidades fenomênicas que foram indicadas com as expressões “segurança basal” (Jones, 2004), “confiança básica” (Erikson, 1963) e “orientação ao mundo” (Bernstein, 2011). Nesse sentido, seria inapropriado descrever tal forma de confiança como sendo apenas a aceitação de algumas crenças muito fundamentais, por exemplo: “o mundo é seguro”. Não se trata de uma atitude específica dirigida para algo em particular, mas de um senso de segurança não localizada, a partir do qual se formam atitudes relacionais, intencionais e específicas de confiança diádica e triádica (Ratcliffe, 2023).

A confiança monádica, mesmo não sendo intencional, pode ser descrita como distribuída em domínios: ter confiança em um ambiente impessoal, ter confiança intrapessoal no contexto das próprias habilidades e ter confiança no contexto de um ambiente interpessoal. Pode-se falar, portanto, em confiança monádica intrapessoal, impessoal (ambiental) e interpessoal. A esse respeito, Ratcliffe, Ruddell e Smith (2014) ressaltam a primazia da confiança interpessoal: ter confiança não localizada em outras pessoas aparenta ter uma primazia, porque a perda da confiança monádica interpessoal exerce impacto geral na perda das demais distribuições da confiança monádica. Além disso, a confiança interpessoal desempenha um papel restaurador quando acontece a erosão da confiança monádica dos domínios impessoal e pessoal. Com a confiança interpessoal, as coisas são imbuídas de contingência, ou seja, a antecipação de entrar em

certas relações interpessoais é contígua com o senso de que há outras possibilidades (Ratcliffe; Ruddell; Smith, 2014).

A confiança monádica, por fim, possui uma natureza dinâmica (Ratcliffe, 2023). De um lado, ela tem uma relação estrutural com a esperança, especialmente com a forma monádica ou radical de esperança.¹⁰ Há uma mútua dependência entre esperança e confiança monádicas, que consiste, ainda, em uma maneira unificada de antecipar possibilidades futuras e originadas de outras pessoas, do ambiente e de si mesmo (Ratcliffe, 2023). De outro lado, a ruptura da unidade entre esperança e confiança monádicas proporciona o aparecimento de atitudes específicas e determinadas de confiança e esperança intencionais (Ratcliffe, 2023). A confiança monádica é uma aquisição no desenvolvimento pessoal, estabelecida ao longo dos primeiros anos de vida e exposta a riscos, erosões ou perdas mais robustas (como em situações formadoras de traumas, por exemplo), podendo originar uma mudança completa na estrutura da experiência e do estar no mundo (Ratcliffe; Ruddell; Smith, 2014). O dinamismo também se relaciona com a natureza pré-reflexiva da confiança monádica. Em geral, tal confiança opera como um pano de fundo do qual dependem as formas intencionais de experiências, inclusive os modos localizados de confiança. Contudo, a perda ou erosão da confiança monádica pode surgir em tipos variados: dúvida corporal, perdas diversas da confiança nas próprias capacidades, compreensão do ambiente como ameaçador e saliência de outras pessoas como não hospitalares ou mesmo como agentes irremediáveis de dano. Essa dinâmica pode assumir a qualidade epistêmica de uma revelação: a patentização do deslocamento ou ausência de uma confiança profundamente enraizada e, por isso mesmo, não notada (Ratcliffe; Ruddell; Smith, 2014).

Tais conclusões são importantes para a elucidação do senso de pertencimento ao mundo. Inicialmente, o pertencimento integra a relação com um referente, atuando como um de seus componentes. No caso dos sentimentos existenciais, é a pertinência a um horizonte, entendido como dimensão que acolhe tipos de possibilidades. Nesse sentido, pertencer a um espaço modal significa possuir um estilo de antecipação de possibilidades. Na sua forma habitual, esse estilo é a confiança monádica, não localizada, pré-reflexiva e não relacional. Pertencer a uma dimensão modal, ou seja, pertencer ao mundo, consiste

¹⁰ A unidade entre esperança e confiança examinada por Ratcliffe (2023) não será considerada no presente artigo, ainda que represente uma linha importante de elucidação da estrutura modal do senso de pertencimento.

em antecipar possibilidades de modo confiante. A metáfora do morar no mundo significa, por conseguinte, confiar: antecipar possibilidades no estilo da confiança monádica. Pertencer ao horizonte é ter a confiança básica.

Essa é uma consequência não trivial, pois significa que os sentimentos existenciais, na medida em que têm a qualidade do pertencimento, estão intrinsecamente relacionados com a confiança básica e monádica. Além disso, considerando a constituição dinâmica da confiança não localizada, são possíveis modificações no estilo de antecipação de possibilidades. Não é necessário que as modificações usuais da certeza habitual formem erosões ou perdas da confiança habitual. Contudo, as dinâmicas na confiança monádica podem ser significativas a ponto de modificarem substancialmente o senso de pertencimento ao mundo. Portanto, as dinâmicas nos sentimentos existenciais podem ser em parte explicadas a partir das dinâmicas na confiança básica.

Outra consequência relevante deriva da primazia da confiança monádica interpessoal, cuja presença e cujas modificações são determinantes na confiança monádica impessoal e intrapessoal. Dessa forma, a confiança interpessoal não localizada é determinante em geral da antecipação de possibilidades. Ter confiança junto ao âmbito da interpessoalidade assume uma função distinguida no pertencimento ao horizonte, ou seja, no pertencimento ao mundo. Perturbações robustas na confiança interpessoal básica formarão modificações igualmente substantivas no pertencimento como tal. Portanto, a confiança interpessoal monádica é básica para os sentimentos existenciais em geral.¹¹

Cabe ressaltar, por fim, que a primazia da confiança interpessoal não localizada não implica que a forma básica de confiança, organizada em uma unidade que integra também a confiança impessoal e intrapessoal, seja ela mesma pessoal. Pode-se pensar, como sugere Ratcliffe (2023), que ela é uma base da qual emergem atitudes pessoais ou impessoais. Entretanto, tal sugestão fomenta uma dificuldade em relação à determinação propriamente afetiva da confiança monádica não localizada.

11 CONFIANÇA BÁSICA E ESTRUTURAÇÃO DE SENTIMENTOS EXISTENCIAIS

¹¹ A isso se liga a importante questão sobre o papel da interpessoalidade e da confiança monádica na regulação dos sentimentos existenciais (Ratcliffe, não publicado; Stephan, 2012).

A confiança monádica é um sentimento? A resposta afirmativa é analítica. A confiança não localizada é um estilo de antecipação de possibilidades. Tal estilo foi elucidado como não sendo uma atitude proposicional caracterizada por entreter crenças fundamentais sobre a dimensão de possibilidades, mas um estilo *afetivo*. Logo, a confiança monádica é um sentimento que, mesmo não sendo localizado, está distribuído em domínios. Trata-se do sentimento de antecipação de possibilidades (efetivação ou não efetivação) nos âmbitos intrapessoal, interpessoal e impessoal.

Contudo, pode-se objetar que a confiança não localizada não satisfaz uma condição necessária para ser qualificada como um sentimento. Essa condição resulta de uma posição geral na discussão sobre a natureza da confiança. Costuma-se distinguir duas concepções gerais sobre a confiança, designadas como *preditiva* e *afetiva* (Faulkner, 2014). Ambas partilham a admissão de que a confiança contém um elemento de expectativa. Quando A confia em B, A tem a expectativa de que B poderá satisfazer a dependência que A possui em relação a B. Na visão *preditiva*, tal expectativa é baseada em crenças, evidências e predições que A possui em relação a B. Na concepção *afetiva*, por sua vez, introduz-se um elemento afetivo: um sentimento. Neste caso, A tem a expectativa de que B satisfará o que é requerido pela relação de dependência, em razão de ter um sentimento em relação a B. Mais especificamente, A tem a expectativa de que B será diretamente motivado pela dependência que A exige. A possui uma atitude de otimismo em relação à boa vontade de B, e tal otimismo consiste em uma atitude afetiva (Jones, 1996). Em outra formulação, a confiança básica é um sentimento simples que A tem em relação à boa vontade de B. A confiança integra um sentimento simples, porque não envolve o exercício de um sofisticado repertório conceitual (Seemann, 2009).

Da concepção afetiva resulta que a confiança é um sentimento em relação à boa vontade. Desse modo, seria impróprio conceber a confiança monádica como um sentimento, uma vez que a dimensão de possibilidades, o horizonte dotado de tipos de possibilidade e o mundo não são pessoas dotadas de vontade (seja boa ou má). A conclusão é uma alternativa: ou a confiança monádica não é um sentimento ou é outro sentimento diferente da confiança.

Uma primeira resposta questionaria o suposto mais básico da objeção. Ambas as noções, *preditiva* e *afetiva*, têm em vista as formas localizadas e intencionais da confiança. A concepção afetiva é ainda mais específica, porque implica que a confiança

demanda a existência de destinatários dotados de vontade e boa vontade. No entanto, adotar tal suposição é cometer uma transgressão categorial, posto que a confiança monádica é pré-intencional. A exigência de que a confiança seja uma atitude afetiva para com destinatários dotados de boa vontade não se aplica à confiança não localizada.

Além disso, é plausível sustentar que há sentimentos pré-intencionais com qualidades determinadas. A condição afetiva pode ser modificada para o nível pré-intencional, caso em que a confiança monádica é o sentimento de que o horizonte oferece possibilidades e efetivações de possibilidades. Trata-se de um sentimento distribuído de segurança, sem precisar adicionar qualquer referência a alguma benevolência do horizonte. A resposta precisaria ser elaborada diferenciando a confiança básica da esperança radical. Também seria adequado um exame comparativo com a condição afetiva da perda da confiança não localizada.

Outra resposta à objeção se baseia na primazia da confiança monádica interpessoal na configuração do estilo geral de antecipação confiante de possibilidades. A confiança monádica refere-se a um horizonte que é intrinsecamente interpessoal, não apenas por ser compartilhado por outras pessoas, mas também por ser dotado de possibilidades interpessoais. Assim, mesmo não sendo um sentimento dirigido para a boa vontade de pessoas específicas, a confiança monádica interpessoal pode ser descrita como um sentimento em relação à benevolência das pessoas. Desse modo, apesar de a dimensão de possibilidades não ser dotada de vontade (boa ou má), a sua intrínseca constituição interpessoal permite que o horizonte geral possa ser o destino de um sentimento referente à benevolência. Dito de outra maneira, pelo fato de o horizonte humano ser intrinsecamente interpessoal, pode haver um sentimento não localizado em relação a uma benevolência não específica. Portanto, devido à primazia da confiança monádica interpessoal, a constituição interpessoal do horizonte favorece a conclusão de que é apropriado designar o estilo habitual de antecipação de possibilidades como um sentimento de confiança.

Caso essas respostas sejam corretas, então a determinação da confiança monádica como um sentimento proporciona uma indicação para uma estruturação interna dos sentimentos existenciais. Os sentimentos existenciais, na medida em que são sentimentos de pertencimento, possuem uma estrutura modal composta por um estilo afetivo de antecipação de possibilidades (concretizado na forma habitual como confiança monádica). Deste modo, sentimentos existenciais estão baseados em outros sentimentos,

por exemplo, a confiança monádica. Esta estruturação interna sugerida por Ratcliffe sugere uma série de temas identificados a seguir.

12 CONCLUSÃO

Neste artigo, foram apresentados alguns dos resultados da fenomenologia dos sentimentos existenciais desenvolvida por Matthew Ratcliffe e colaboradores. Ressaltou-se que, mesmo sendo uma classe diversificada de sentimentos corporais e pré-intencionais, há qualidades básicas que se apresentam nos sentimentos existenciais como tais: senso de realidade e senso de pertencimento. Essas qualidades são descritas por Ratcliffe com base na fenomenologia da estrutura horizontal da experiência. Nessa ótica, horizontes específicos são formalmente referidos a um horizonte geral, que perfaz o conceito fenomenológico de mundo. A noção de horizonte, por sua vez, designa um espaço ou uma dimensão de receptividade a tipos de possibilidades. As possibilidades admitem ser tipificadas a partir de critérios como: determinação de conteúdo, modos de antecipação, acessibilidade intersubjetiva, relação à agentividade e significância para projetos. Pertencimento ao mundo significa, portanto, pertencer a horizontes específicos e ao horizonte geral.

Para avançar na elucidação do senso de pertencimento, foram considerados os estudos multidisciplinares sobre o pertencer, com destaque ao fato de o pertencimento ser concebido como originado da interação dinâmica de quatro fatores: habilidades, motivações, oportunidades e percepções. Além disso, entende-se que o pertencimento é um sentimento subjetivo, fundado em um referente externo, na reciprocidade e na autodeterminação. Disso resulta que a complexidade do fenômeno do pertencimento desenha um programa com linhas de investigação em fenomenologia modal. Mais precisamente, o exame da maneira como a estrutura horizontal da experiência condiciona os fatores e componentes do pertencimento discrimina linhas de perguntas e investigações fenomenológicas. Assim, a elucidação dos sentimentos existenciais depara-se com um intrincado campo de problemas sobre a estrutura modal do pertencimento.

Para avançar nessa análise, considerou-se em particular o elemento de referência ou base fundante do pertencimento. Nesse sentido, os sentimentos existenciais são um senso de pertencimento que tem como referente de apoio a dimensão de possibilidades, isto é, o horizonte geral. Tendo em vista que as possibilidades acolhidas no horizonte

podem ser antecipadas de acordo com diferentes maneiras, a atenção foi voltada ao modo da certeza habitual, analisado por Ratcliffe como um estilo afetivo e não uma atitude proposicional. Tal estilo consiste na atitude afetiva da confiança, que foi analisada como sendo uma forma não localizada, não relacional, pré-reflexiva e monádica de confiança. O resultado geral obtido sustenta que pertencer ao mundo, ao horizonte ou à dimensão de possibilidades é ter confiança monádica.

Esse achado implica que os sentimentos existenciais, na medida em que são um senso de realidade e de pertencimento, consistem mais especificamente em estilos afetivos de confiança monádica não localizada. Disso resultam várias perguntas, que perfazem linhas de continuidade da investigação fenomenológica sobre os sentimentos existenciais. Para concluir este artigo, são identificadas a seguir cinco dessas linhas de problemas.

Inicialmente, a fenomenologia horizontal do pertencimento precisa considerar a relação entre a confiança monádica e os demais fatores que integram e condicionam o pertencimento: habilidades, oportunidades, motivações e percepções. Em particular, é pertinente examinar se a primazia da confiança monádica interpessoal desempenha alguma função preponderante em relação a esses fatores. Do mesmo modo, a primazia da confiança monádica interpessoal não é determinante apenas do senso global de pertencimento (ao ter impacto na confiança monádica impessoal e intrapessoal), mas também do próprio horizonte. Como foi visto, no horizonte há possibilidades cujo dativo da efetivação é exclusivo ou inclusivo: apenas para mim, apenas para outros, para ninguém, para mim e para outros. Também existem possibilidades cujo nominativo da efetivação é exclusivo ou inclusivo: apenas por minha ação, apenas por ação outros, por ação de ninguém, por minha ação e por ação de outros. Quando há confiança interpessoal não localizada, acontece a antecipação habitual de possibilidades cuja efetivação depende da ação dos outros. Quando se considera que a perda da confiança monádica interpessoal implica uma modificação nas possibilidades intersubjetivamente acessíveis, evidencia-se que esse modo da confiança é determinante do próprio referente do pertencimento.

Um segundo ponto diz respeito à formação da confiança básica. Pertencer ao horizonte é um processo? Existem apenas os requisitos empíricos relacionados aos fatores de emergência do pertencimento ou existem relações de dependência de outra ordem? O desenvolvimento psicológico do pertencimento teria algo a indicar sobre o

desenvolvimento de estruturas que condicionam o pertencimento ao horizonte geral? A monádica seria ontologicamente básica, não sendo resultante da agentividade humana?

O terceiro tópico diz respeito à relação entre senso de pertencimento e senso de realidade. Seguindo uma formulação de Stanghellini (2004), Ratcliffe (2008) sugere uma conexão entre o senso de realidade e a experiência de pertencimento. O desenvolvimento desse ponto precisaria mostrar de que maneira a confiança não localizada é determinante do senso de realidade. O problema refere-se, portanto, à conjunção entre senso de realidade e pertencimento, característica da qualidade experiencial dos sentimentos existenciais, na medida em que a confiança básica é constituinte do pertencimento à dimensão de possibilidades. Seria a confiança monádica igualmente determinante do senso de realidade? De que forma?¹²

O quarto tema refere-se à relação articulada entre sentimentos existenciais, senso de pertencimento e estilo afetivo da confiança monádica. Tal articulação indica uma relação de dependência entre sentimentos pré-intencionais, sugerindo também uma versão da conhecida tese de que a confiança é básica (Stern, 2017). A continuidade da elucidação fenomenológica dos sentimentos existenciais precisa abordar o tipo de relação de dependência entre sentimentos pré-intencionais. Além disso, se a confiança não localizada é uma *Grundstimmung*, como elucidar essa fundamentalidade em relação à desconfiança não localizada? Ademais, qual é a relação da confiança monádica com outros sentimentos existenciais que aparentam ser igualmente básicos, como, por exemplo, o sentimento de estar vivo (Fuchs, 2012)?

O último tema é derivado de um tópico conhecido a partir da abordagem afetiva da confiança. Confiança, seguindo a conhecida formulação de Annette Baier (1986), é a vulnerabilidade aceita. Uma vez que a atitude de confiança contém um sentimento em relação à boa vontade da pessoa de que se é dependente, segue-se a existência reconhecida de uma vulnerabilidade ao poder e à vontade daquela pessoa. Haveria algo similar em relação à confiança não localizada? Confiar não localizadamente implica o reconhecimento de um tipo especial de vulnerabilidade? Seria admissível um tipo de desamparo modal, ou seja, uma vulnerabilidade à dinâmica e mesmo à fragilidade da

¹² Um desenvolvimento adicional da relação entre senso de realidade e pertencimento é oferecido por Ratcliffe (2008, 2013) a partir da consideração do papel da percepção tátil no senso de pertencimento a um mundo significativo. É sugestivo considerar o papel da confiança monádica no tato passivo, como mediação entre senso de pertencimento e senso de realidade.

própria dimensão de possibilidades? Em caso afirmativo, deveria conceber-se uma vulnerabilidade à dinâmica do horizonte de possibilidades, relacionada com a contingência da efetivação de possibilidades e com a formação de necessidade e impossibilidade na dimensão modal.

Recentemente, a vulnerabilidade foi apresentada como uma estrutura antropológico-existencial e, ademais, uma estrutura exposta às contingências da socialidade, da corporificação e das projeções existenciais da vida humana (Carel, 2021; Carel; Kidd, 2019). Haveria um nível mais formal de vulnerabilidade, referente à pertinência ao espaço de possibilidades e à própria fragilidade do horizonte modal? É possível concluir tal reflexão com uma sugestão especulativa. Eventualmente, o exame daqueles sentimentos existenciais concernentes à recuperação da confiança e da esperança monádicas não é relevante apenas para a fenomenologia da fé ou da experiência religiosa, mas também para a elucidação da estrutura modal dos sentimentos existenciais em geral. Também para averiguar essa sugestão será preciso ensaiar uma elucidação da natureza dinâmica e, eventualmente, processual da dimensão de possibilidades. A propósito dessa demanda, evidenciam-se como prementes, porém eventualmente como igualmente fecundos, os limites da própria fenomenologia.¹³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, K.; KERN, L.; Rozek, C.; McInerney, D.; Slavich, G. Belonging: A Review of Conceptual Issues, an Integrative Framework, and Directions for Future Research. *Australian Journal of Psychology*, v. 73, n. 1, p. 87–102.
- BAIER, A. Trust and Antitrust. *Ethics*, v. 96, p. 231-260, 1986.
- BAUMEISTER, R.; LEARY, M. The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, v. 117, n.3, p. 497–529, 1995.
- BERNSTEIN, J. M. Trust: on the real but almost always unnoticed, ever-changing foundation of ethical life. *Metaphilosophy*, v. 42, p. 395-416, 2011.
- CAREL, H. ‘Creatures of a Day’: Contingency, Mortality, and Human Limits. *Royal Institute of Philosophy Supplement*, v. 90, p. 193-214, 2021.
- CAREL, H.; KIDD, I. J. Expanding transformative experience. *European Journal of Philosophy*, v. 28, p. 199-213, 2019.
- ERIKSON, E. *Childhood and Society*. London: Vintage, 1963.

¹³ Sobre os limites da fenomenologia, ver o exercício em metafenomenologia praticado por Ratcliffe (2022) acerca da fenomenologia do luto.

- FAULKNER, P. The practical rationality of trust. *Synthese*, v. 191, p. 1975–1989, 2014.
- FAULKNER, P.; SIMPSON, T. (ed.). *The Philosophy of Trust*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- FORD, A. Action and generality. In: FORD, A.; HORNSBY, J.; STOUTLAND, F. (ed.). *Essays on Anscombe's Intention*. Harvard: Harvard University Press, 2011. Pp. 76-104.
- FRANK, M. *Selbstgefühl*. Frankfurt am Main: Surkamp, 2002.
- FUCHS, T. The Feeling of Being Alive. Organic foundations of self-awareness. In: FINGERHUT, J.; MARIENBERG, S. *Feelings of Being Alive*. Berlin: De Gruyter, 2012. Pp. 151-165.
- GOLDIE, P. Emotions, feelings and intentionality. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 1, n. 3, p. 235-254, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 1986.
- HEIDEGGER, M. *Phänomenologie des religiösen Lebens*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1995.
- JONES, K. Trust as an affective attitude. *Ethics*, v. 107, p. 4-25, 1996.
- JONES, K. Trust and Terror. In: AUTELS, P.; WALKER, M. U. (ed.). *Moral Psychology: Feminist Ethics and Social Theory*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2004. Pp. 3-18.
- KREUCH, G. *Self-Feeling: Can Self-Consciousness Be Understood as a Feeling?* New York: Springer Verlag, 2019.
- MAHAR, A.; COBIGO, V.; STUART, H. Conceptualizing belonging. *Disability and rehabilitation*, v. 35, n. 12, p. 1026–1032. 2013.
- MAIER, J. The Agentive Modalities. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 87, n. 3, p. 113-134, 2013.
- MANZOTTI, R. An externalist approach to existential feelings: Different feelings or different objects? In: FINGERHUT, J.; MARIENBERG, S. (ed.). *Feelings of Being Alive*. Berlin: De Gruyter, 2012. Pp. 79-99.
- MARTIN, C. Four Types of Conceptual Generality. *Philosophy Journal*, v. 36, n. 2, p. 397-423, 2015.
- RATCLIFFE, M. Heidegger's attunement and the neuropsychology of emotion. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 1, p. 287-312, 2002.
- RATCLIFFE, M. The feeling of Being. *Journal of Consciousness Studies*, v. 12, p. 43-60, 2005.
- RATCLIFFE, M. *Feelings of Being*. Phenomenology, Psychiatry, and the Sense of Reality. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- RATCLIFFE, M. The Phenomenology of Existential Feeling. In: FINGERHUT, J.; MARIENBERG, S. (ed.). *Feelings of Being Alive*. Berlin: De Gruyter, 2012. Pp. 23-54.
- RATCLIFFE, M. What is it to lose hope? *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 12, p. 597-614, 2013.

- RATCLIFFE, M. *Experiences of Depression*. A study in phenomenology. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- RATCLIFFE, M. *Real Hallucinations: Psychiatric Illness, Intentionality, and the Interpersonal World*. Cambridge: MIT Press, 2017.
- RATCLIFFE, M. Existential Feelings. In: SZANTO, T.; LANDWEER, H. *The Routledge Handbook of Phenomenology of Emotion*. London: Routledge, 2020. pp. 250-261.
- RATCLIFFE, M. *Grief Worlds*. A Study of Emotional Experience. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2022.
- RATCLIFFE, M. The Underlying Unity of Hope and Trust. *The Monist*, v. 106, n. 1, p. 1-11, 2023.
- RATCLIFFE, M. Scaffolding, Regulation, and the Social World: A Perspective on Human Emotional Experience. Disponível em: https://www.academia.edu/92412177/Scaffolding_Regulation_and_the_Social_World_A_Perspective_on_Human_Emotional_Experience. Acesso em: 24 abr. Não publicado.
- RATCLIFFE, M.; RUDDLELL, M.; SMITH, B. What is a “sense of foreshortened future?” A phenomenological study of trauma, trust, and time. *Frontiers in Psychology*, v. 5, p. 1026, 2014.
- RZESNITZEK, L. Narrative or self-feeling? A historical note on the biological foundation of the “depressive situation”. *Frontiers in Psychology*, v. 5, p. 1-3, 2014.
- SAARINEN, J. The oceanic feeling: A case study in existential feeling. *Journal of Consciousness Studies*, v. 21, n. 5-6, p. 196-217, 2014.
- SAARINEN, J. A critical examination of existential feeling. *Phenomenology and Cognitive Science*, v. 17, p. 363-374, 2018.
- SEEMANN, A. Joint Agency: Intersubjectivity, Sense of Control, and the Feeling of Trust. *Inquiry4: An Interdisciplinary Journal of Philosophy*, v. 52, n. 5, p. 500-515, 2009.
- SLABY, J. Affective intentionality and the feeling body. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 7, p. 429-444, 2008.
- SLABY, J. Affective Self-Construal and the Sense of Ability. *Emotion Review*, v. 4, n. 2, p. 151-156, 2012.
- SLABY, J.; STEPHAN, A. Affective intentionality and self-consciousness. *Consciousness and Cognition*, v. 17, p. 506-513, 2008.
- STANGHELLINI, G. *Disembodied Spirits and Deanimated Bodies*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- STEPHAN, A. Emotions, Existential Feelings, and their Regulation. *Emotion Review*, v. 4, n. 2, p. 157- 162, 2012.
- STERN, R. ‘Trust is Basic’: Løgstrup on the Priority of Trust. In: FAULKNER, P.; SIMPSON, T. (ed.). *The Philosophy of Trust*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 272-293.
- STRASSER, S. *Phenomenology of feeling: an essay on the phenomena of the heart*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1977.

THONHAUSER, G. Beyond Mood and Atmosphere: a Conceptual History of the Term Stimmung. *Philosophia*, v. 49, n. 3, p. 1247-1265, 2020.

WELLBERY, D. Stimmung. In: BARCK, K.; FONTIUS, M.; WOLFZETTEL, F.; STEINWACHS, B. *Ästhetische Grundbegriffe: Historisches Wörterbuch in Sieben Bände*. Vol. 7. Stuttgart: Metzler, 2003, p. 703–733.

Recebido em: 16/08/2023 | Aprovado em: 15/02/2024